

ALICE MARCELINO



KITOKO—HISTÓRIAS DA DIÁSPORA NEGRA

The whole point of the work is so that when a black person is in that space, we see ourselves – we see the ordinary, everyday things that we are concerned by. It's those conversations with my fellow diasporans that are important to me – we have built this place, this country, and yet we are not visible. They are who the work is for. And for myself, of course, so that I can go into museums, and see myself.

Lubaina Himid

No idioma Lingala do Congo Francês Kitoko significa beleza. É exatamente a beleza que Alice Marcelino quer retratar nas suas obras. Mas mais do que olhar para a beleza por si, Marcelino deseja encontrar um espaço de representação para além dos estereótipos, para além dos cânones, um novo espaço de construção de identidade.

Os rostos que apresenta contam histórias e experiências de diferentes comunidades africanas na diáspora, em particular em Portugal e no Reino Unido. Durante os últimos, Alice Marcelino tem fotografado os funerais africanos e caraibenses no Reino Unido. Carregados de emoção, de amor, perda e herança, retratam histórias individuais, mas vistos num conjunto abordam um assunto muito mais amplo – a diáspora negra.

Na obra de Alice Marcelino o retrato aparece como uma procura de encontrar uma identidade cultural. As suas imagens exploram as noções de identidade de uma forma honesta, direta, empática e 'naturalmente' cultural. Persiste uma vontade de desconstruir estereótipos e de desafiar ideias feitas, obrigando o espectador a tomar consciência das suas presunções etnocêntricas.

Há uma intimidade quase desarmante nestas fotografias. Talvez porque Marcelino documente momentos particulares na vida de uma comunidade.

Se por um lado cada retrato celebra a individualidade de quem é capturado pela lente, por outro, interessava-lhe explorar a uma ideia de comovente de comunidade. O foco da atenção da artista, nos retratos realizados no Reino Unido, centrou-se nas gerações posteriores à chamada Windrush generation -proveniente das Caraíbas e que emigrou em massa, a convite do governo inglês, para aquele país entre 1948 e 1971. Uma comunidade mal recebida, vítima de um racismo violento e de segregação.

Em Portugal, o foco de Marcelino é a falta de representação da comunidade africana e seus descendentes que, sendo portugueses, são invariavelmente tratados como estrangeiros.

Assiste-se atualmente a uma crescente atenção e entusiasmo do mundo da arte contemporânea relativa à produção artística produzida por artistas negros, onde o retrato tem uma particular importância. O retrato como um dos cânones mais centrais da história da arte ocidental, é agora radicalmente questionado e apropriado. Neste nosso clima social revolucionário, o tema da identidade é central e crítico. As imagens de Marcelino participam nesta discussão criando um espaço para um novo discurso, uma nova estética num desejo político de afirmação e de empoderamento.

Alice Marcelino

Alice Marcelino, nasceu em Luanda, Angola em 1980. Vive e trabalha entre Londres e Lisboa.

Formou-se em Fotografia na Universidade de East London em 2016, e encontra-se a finalizar o mestrado em Digital Media na Goldsmiths University, Londres.

Exposições coletivas (seleção)

2020

Departure, JeanClaudeMaier (Lisboa)

Discursos de Decolonialidade, This is not a Museum (Lisboa)

2019

Spaces in Between (Lisboa)

Exposição coletiva, This is not a Museum (Lisboa)

2016

We do Black hair, colaboração com Christine Eyene, Open Source (U.K)

Photofusion Salon 16 (U.K)

Ghouls, Gateways and Gatekeepers, The Pad, (U.K)

2015

Belong, Believe, Achieve, University of East London (U.K)

Free Range, Truman Brewery (U.K)

2014

Timelab, Dalston Department Store, (U.K)

Photofusion Salon 14 (U.K)

Exposições Individuais

2018

Redbridge Central Library (U.K)

Terra Drip (Macau)

Residências

2017 Hangar, Lisboa